

# Sarney garante: os

Na posse da nova diretoria da Confederação Nacional da Indústria, o

CA ECONÔMICA

Quarta-feira, 15-10-86 — O ESTADO DE S. PAULO

## impostos não sobem.

presidente justificou essa decisão: "não podemos admitir uma volta à recessão".

No discurso que fez ontem durante a posse da nova diretoria da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o presidente José Sarney (foto) negou que o governo tenha em mente o aumento dos impostos para conter o consumo. A resposta ao aquecimento, disse ele, está na expansão da produção. "Não podemos correr o risco de desembocar novamente numa recessão econômica. O aumento do poder aquisitivo de nosso povo, a expansão do mercado interno, são o instrumento mais seguro de nossa prosperidade econômica", afirmou o presidente.

Confirmando as palavras de Sarney, o porta-voz da Presidência, Fernando Cesar Mesquita, disse depois que não são verdadeiras as informações de que o governo cogita de uma reforma fiscal: "Não tem nada de aumento do imposto de renda, nem antes nem depois das eleições", garantiu Mesquita, aproveitando para desmentir mais uma vez o fim do congelamento de preços.

Mesquita informou ter ouvido do presidente que muitos assessores da Presidência da República têm dito "coisas que não correspondem à verdade". "É preciso parar com isso", advertiu o porta-voz, que chegou a fazer ironia com esse tipo de informação. "Coleciono montanhas de declarações que não se confirmaram", disse ele.

### Homenagem

Muito aplaudido por um auditório repleto de empresários, além de representantes das federações de indústrias de todos os Estados, Sarney disse que estava, também naquele momento, homenageando a iniciativa privada brasileira, decisiva para o êxito do Plano Cruzado.

## Empresários se dizem aliviados com a promessa de Sarney

Os empresários que compareceram à posse da diretoria da Confederação Nacional da Indústria — CNI — se declararam aliviados com a afirmação do presidente José Sarney de que o governo não vai aumentar impostos, tendo decidido aumentar a produção para atender ao crescimento do consumo.

Comentando o pronunciamento presidencial, o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, salientou que o chefe do governo não deixou dúvidas quanto à decisão tomada. "Seria absurdo" — disse Funaro — "que o governo reduzisse os ganhos dos assalariados justamente quando eles conseguem, depois de muitos anos, uma folga salarial".

"O que nos interessa" — disse Funaro — "é reduzir os níveis de consumo e induzir as pessoas a pouparem mais e assim contribuir para o aumento dos investimentos produtivos com recursos gerados dentro do País". Funaro disse acreditar que isso será possível à proporção que as pessoas se forem conscientizando de que é necessário oferecer sua participação no esforço comum do crescimento.

### Apoio

Para os empresários, as palavras de Sarney definidoras da estratégia de ajuste interno da economia, foi a melhor coisa que eles ouviram do governo ultimamente. Não apenas por aliviar a empresa da ameaça de uma nova carga fiscal, como também isentar do mesmo gravame os assalariados, abrindo assim espaço maior para o crescimento.

"Tenho sempre repetido que onde a iniciativa privada entre em colapso, em qualquer lugar do mundo, fracassa a liberdade daquele povo. O apoio da classe empresarial é decisivo para o êxito do programa econômico e à unidade política tão indispensável ao crescimento do nosso país", acrescentou ele, de improviso, fugindo ao texto que levou para a posse do senador Albano Franco à frente da CNI.

Para Sarney, o Plano Cruzado expandiu o mercado brasileiro e criou "um novo patamar para a produção industrial". Os ganhos, na sua opinião, "são tanto maiores quanto mais se produza e se aumente a produtividade". Ao contrário do empossado presidente da CNI, Albano Franco, que destacou em seu pronunciamento a questão da dívida externa brasileira, Sarney preferiu tratar dos problemas internos, de recuperação da economia, e deu um grande destaque "às palavras do ex-presidente da CNI, Roberto Simonsen, que na década de 40 chamava a atenção para a necessidade de corrigir as graves distorções sociais do País. Uma consciência, segundo o presidente, "da agudeza dos problemas nacionais e da necessidade de sua solução como base para um crescimento sadio e sustentado".

No discurso do presidente da República, constava um pequeno parágrafo que foi suprimido por Sarney no momento de pronunciá-lo. "Roberto Simonsen" — diria ele — "se ainda vivesse estaria seguramente ao nosso lado na defesa do Plano Cruzado". Mais adiante, ele elogiou a atuação da CNI como entidade em que "o governo tem encontrado sempre um interlocutor "à altura dos desafios nacionais".

O presidente da FIESP, Mário Amato, considerou que o abandono, pelo governo, da saída fácil do gravame fiscal para os problemas da economia é uma prova da maturidade com que estão sendo encarados os problemas da economia.

O ex-presidente da FIESP, Luiz Eulálio Bueno Vidigal, o presidente da Confederação Nacional do Comércio, Antonio de Oliveira Santos, e vários presidentes de federações estaduais de indústria foram unânimes em ressaltar o significado do anúncio presidencial, para eles, fator importante, inclusive para que as empresas planejem seus investimentos sem preocupações com pressões adicionais nos custos que fatalmente viriam com o aumento dos impostos.

Persiste, contudo, o temor de que o consumo continue aquecido e que a produção não seja suficiente para atendê-lo, sobretudo se os empresários não se dispuserem a investir, temerosos da política de preços.

Para alguns empresários há sinais de um desaquecimento, mas ainda é cedo para definir se essa é uma tendência.

O grande teste, na avaliação dos empresários, são os dois últimos meses do ano, tradicionalmente reveladores de maiores pressões de compras, por causa das festas de fim de ano. Se o consumo crescer dentro de níveis normais para a época, poderá haver um declínio acentuado no primeiro trimestre de 1987, facilitando o ajuste com o nível da oferta.